

A UNIVERSALIDADE EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS* E A NOÇÃO DE GRAMÁTICA UNIVERSAL

Lorenzo VITRAL¹

RESUMO: Este artigo propõe uma reflexão sobre a sintaxe criada por Guimarães Rosa na sua obra-prima *Grande sertão: veredas*. Admite-se normalmente que sua linguagem utiliza volteios e estruturas provenientes de línguas estrangeiras, de certos dialetos falados do português do Brasil e de estágios históricos do português. Propomos que esses recursos são tão-somente elementos que incitam mecanismos da Gramática Universal, isto é, a entidade teórica proposta na teoria da Gramática Gerativa.

PALAVRAS-CHAVE: Sintaxe do Português. Guimarães Rosa. Gramática Gerativa. Licença Poética. Língua Escrita e Falada.

A linguagem de Rosa: universalidade no plano do conteúdo e no plano da forma

Na ocasião do surgimento de João Guimarães Rosa para a literatura, muitos pensaram tratar-se de mais um escritor regionalista já que, em *Sagarana*, estão todos os elementos característicos desse “gênero”, sobretudo a ambientação rural como determinadora do vivido pelas personagens. Logo se viu, porém, que essa classificação era insuficiente: em *Grande sertão: veredas*, a grandiosidade da obra surge em toda sua pujança: os elementos do regionalismo estão lá, mas como

¹ Faculdade de Letras, UFMG, Minas Gerais, Brasil. lvitral@gold.com.br

instrumentos para se atingir o universal. A vocação universalista da obra maior de Rosa é apontada por muitos comentadores. Assim, segundo Coutinho (1994, p. 19), embora ambientado no sertão mineiro, o lócus do romance é “antes a recriação, o mais completa possível, de uma realidade sem fronteiras... e “também, ou até principalmente, o espaço existencial dos personagens, e a reconstituição, pela narração, de uma região humana e existencial . É esse o sentido de volteios do narrador como os seguintes: “o sertão está em toda parte ou “o sertão é do tamanho do mundo . A bela síntese de *Candido*, a seguir, também o atesta:

A experiência documentária de Guimarães Rosa, a observação da vida sertaneja, a paixão pela coisa e pelo nome da coisa, a capacidade de entrar na psicologia do rústico tudo se transformou em significado universal graças à invenção, que subtrai o livro à matriz regional para fazê-lo exprimir os grandes lugares-comuns, sem os quais a arte não sobrevive: dor, júbilo, ódio, amor, morte para cuja órbita nos arrasta a cada instante, mostrando que o pitoresco é acessório e que na verdade o sertão é o Mundo. (1994, p. 79)

O universalismo pode também ser observado a partir da busca do autor de contemplar o Absoluto, o que é visível na sua intenção de superação, conservando sua integridade,² de dicotomias que ordenam a representação de nossa vida. O trecho seguinte de Coutinho vem em nosso apoio:

A contestação da lógica dicotômica, alternativa, da tradição cartesiana, em favor da busca de uma pluralidade de caminhos é uma das tônicas de toda a ficção rosiana, que se expressa, entre outras coisas, pelo leitmotiv “Tudo é e não é , repetido com frequência ao largo do *Grande Sertão: veredas...* em suas páginas, pares antagônicos como bem e mal, passado e presente, carne e espírito se tensionam e retensionam a cada instante, e chegam a encontrar expressão direta na figura de Diadorim, que encarna em sua androginia, não só as faces lícita e ilícita do amor, como também todas as situações de indefinição com que o ser humano se defronta em sua travessia existencial. (1994, p. 22)

É possível afirmar, assim, que o conteúdo resultante da prosa rosiana, na medida em que rompe com as escolhas binárias que preenchem nossas representações de mundo, o que é realizado, aliás, numa elaboração que incorpora o *logos* e o *mythos*, nos conduz para uma abordagem total, atemporal e, portanto, universal da existência.

Neste artigo, realizaremos uma reflexão acerca da universalidade de *Grande sertão: veredas* tomando como objeto sua celebrada linguagem. À primeira vista,

² A expressão “superar conservando sua integridade” empregada por nós é uma versão perifrástica para o termo “suprassumir” utilizado na tradução de Menezes (1992) do termo hegeliano “aufheben” .

a ambientação e os personagens poderiam nos fazer pensar num retrato, compatível, portanto, com a narrativa, de dialeto³ rural do português do Brasil, bastante próximo da modalidade da *fala*. Mas, também neste caso, é só aparência: a universalidade de *Grande sertão: veredas* pode ser abstraída de análise da língua cunhada por Rosa.

Dois aspectos da universalidade de sua linguagem podem ser destacados: a primeira em relação ao plano do *conteúdo* e a segunda em relação ao plano da *forma*. Ocupar-nos-emos em algum detalhamento apenas do segundo aspecto, mas, antes disso, apontaremos, em linhas gerais, em que sentido deve ser entendido o que chamamos de busca de universalidade no plano do conteúdo.

Desfaçamos, de início, uma possível má interpretação: a universalidade no plano do conteúdo que mencionaremos não visa diretamente à temática dos temas graves da existência, já apontados acima, e sim à busca de Rosa de atingir o que ele mesmo chama de *sentido original das palavras*. Para falar mais disso, observemos, em primeiro lugar, que a universalidade da linguagem de *Grande sertão: veredas* não escapou, é claro, aos seus comentadores.

Coutinho, por exemplo, enxerga, ainda que de forma menos explícita do que em relação à temática, essa implicação da obra de Rosa. O trecho seguinte o comprova:

A dicção rosiana é o amálgama de vários dialetos existentes no país, a que se somam contribuições quer provenientes de línguas estrangeiras (inclusive o latim e o grego clássico), quer resultantes da própria capacidade do autor de inventar neologismos e construções totalmente novas. (1994, p. 23)

O apelo às línguas clássicas e às línguas estrangeiras, além dos dialetos do português do Brasil, parece levar a crer que é a partir delas, ou tomando-as como inspiração, que Rosa reinventa a língua portuguesa. Nessa perspectiva, Rosa toma de empréstimo recursos linguísticos disponíveis nessas línguas e adapta-os à nossa, gerando uma linguagem totalmente nova ou original. A finalidade dessa empreitada é esclarecida pelo próprio autor num trecho da entrevista dada a Günther Lorenz, publicada na *Ficção Completa*, volume 1 da Nova Aguilar. Nas palavras de Rosa:

[...] há meu método [de linguagem] que implica na utilização de cada palavra, como se ela tivesse acabado de nascer, para limpá-la das impurezas da linguagem cotidiana e *reduzi-la a seu sentido original*. Por isso, e este é o segundo elemento, eu incluo em minha dicção

³ O termo *dialeto* não se refere à acepção leiga de “um linguajar sem estatuto de língua e sim à noção de uma maneira determinada, localizada espacialmente, de uso de um idioma particular.

certas particularidades dialéticas de minha região, que são linguagem literária e ainda têm sua marca original, não estão desgastadas e quase sempre são de uma grande sabedoria linguística. (1994, p. 46, grifo nosso)

Vamos chamar a atenção para o primeiro trecho em itálico: *reduzi-la a seu sentido original*. Ao propor sua linguagem, a intenção de Rosa parece ser a de fazer o leitor interromper com a interpretação habitual e desgastada das palavras e expressões e, com isso, atentar para elas como se fosse a primeira vez que as visse, o que permitiria a irrupção do significado em todo o seu vigor. Assim fazendo, é possível, segundo ele, se aproximar do “sentido original”, isto é, do significado primeiro com o qual a palavra ou expressão fez sua entrada na língua. Foi esse significado que, na evolução da língua, sofreu suas mudanças e acréscimos, não se deixando mais, numa contemporaneidade, ser apreendido pelos falantes em toda a sua intensidade.

Os exemplos são por demais abundantes para que seja necessária ilustração.⁴ O desenvolvimento desse tema, que não faremos aqui, pode muito bem cotejar a proposta de Rosa com a reflexão de Heidegger acerca de sua visão da função da linguagem na filosofia. Nas palavras de Gadamer (2007, p. 29), para Heidegger, “o que estava em questão era [...] tratar desconstrutivamente a terminologia tradicional, a fim de reconduzi-la a experiências originárias ou ainda “vivificar a problemática de nossa linguagem conceitual legada a partir das forças intuitivas da língua falada (GADAMER, 2007, p. 40).⁵ Compare-se, assim, este último trecho de Gadamer com a parte que começa com o segundo trecho destacado da declaração de Rosa acima, ou seja, *certas particularidades dialéticas de minha região*.

Nessa versão dos fatos, o uso dessas “particularidades dialéticas” é um dos instrumentos com o qual Rosa intenta reunir-se com o universal, já que buscar o “sentido original” é também estabelecer o significado de palavras ou expressões que são válidas independentemente de tempo e de falantes particulares da língua. Numa palavra, pretende-se, através da linguagem revivida, alcançar, também por esta via, os temas centrais da nossa existência.

Contudo, deixemos esse tema para um trabalho futuro e voltemos ao segundo aspecto da universalidade da obra de Rosa, que classificamos como no *plano da forma*. A “pista” que seguimos é dada também em declarações do próprio autor e nos comentários de sua obra. Na linguagem do *Grande sertão: veredas*, aproveitaram-se, como vimos, recursos e expressões provenientes de dialetos do português do

⁴ Consulte-se também Coutinho (1994, p. 16).

⁵ cf. HEIDEGGER 2003, p. 121.

Brasil, com atenção particular ao dialeto falado na região do cerrado mineiro, de línguas estrangeiras, incluindo-se as línguas clássicas, e também de estágios pretéritos do português, conservados, muitas vezes, em registros da fala.

Ao lançar mão dessas três fontes, além da criação de neologismos, Rosa torna opacas as distinções, primeiro, entre as modalidades da fala e da escrita; segundo, entre o estágio contemporâneo e os estágios anteriores da nossa língua; terceiro, entre língua nacional e línguas estrangeiras na medida em que “seu português realiza, como veremos, escolhas sintáticas específicas de línguas estrangeiras; e, por fim, entre “obediência ao código linguístico do português e “subversão a este código, já que são criadas, aparentemente, novas palavras e recursos sintáticos. Não estamos afirmando, é evidente, que Rosa teria eliminado essas distinções e, sim, que em seu texto se amalgamam elementos da fala, da história da língua, de línguas estrangeiras, acrescidos à experimentação que “desafia o código linguístico.

Pensemos, em primeiro lugar, sobre este último ponto, isto é, a questão da “subversão ao código. Esse tema pode ser visto por dois ângulos: a experimentação formal rompe com qualquer codificação de uso da língua, ou seja, a liberdade criadora do artista teria o poder de se insurgir contra toda padronização da língua, elaborando nesse momento sua própria “lógica linguística ; ou, mais radicalmente ainda, a experimentação gera uma “não lógica , isto é, tratar-se-ia da ausência de qualquer padrão.

É bem verdade que a linguagem de Rosa não se submete, é evidente, ao que se convencionou chamar de *português padrão ou norma culta*. Como é sabido, esse registro de língua é estabelecido sócio-historicamente por diversos agentes, com objetivos explícitos e implícitos claramente identificáveis e é alvo fácil das intenções poéticas dos escritores, sejam eles maiores ou menores. Mas não é possível dizer que não há qualquer gramática na linguagem de Rosa. É claro que há, ou em outras palavras, nosso autor não escreve em *marciano*; ou ainda, ele é legível, o que quer dizer que, de algum modo, sua gramática é compartilhada pelos seus leitores. Assim, já que estamos de acordo que Rosa elabora sua gramática ou lógica linguística particular, resta saber a partir de quê ela é criada. As “pistas já foram citadas: a fala, a história da língua..., mas desenvolveremos a hipótese de que, no emprego desses recursos, Rosa se deixa guiar por *universais linguísticos*.

A ideia de universais linguísticos, isto é, a existência de aspectos comuns a todas as línguas humanas, é tão antiga quanto o conhecimento ocidental, mas, como é notório, tem recebido um tratamento explícito nos últimos cinquenta anos pela teoria linguística desenvolvida sob o ensino de Chomsky (cf., por exemplo,

1995). Na perspectiva da Teoria Gerativa proposta por esse autor, a despeito da variação existente entre as gramáticas das línguas naturais, é possível inferir, por meio de comparação entre elas, determinadas proposições, expostas sob a forma de *princípios* (ou “leis”), que predizem as possibilidades de estruturação da sintaxe das línguas naturais. A *Gramática Universal*, composta de princípios, é então proposta, eleita o objeto de estudo da Teoria Gerativa, fundamentando, assim, um programa de pesquisa científico. Não é hora nem lugar de discutir a validação de uma entidade como a Gramática Universal, mas adiantaremos que sua legitimidade teórica e empírica passa pelo pressuposto de que se trata de uma gramática mental de base biológica/genética. Nessa visão, os princípios da Gramática Universal não são sócio-historicamente determinados como as normas de padronização de uso de uma língua que compõem, no nosso caso, o português padrão ou a norma culta. Assim, esses princípios não podem ser “subvertidos” sob pena de gerar uma “não língua”.

Como concluímos anteriormente que existe uma “lógica” interna na linguagem de Rosa, uma vez que seu leitor elabora, sem se dar conta, sua análise da estrutura sintática subjacente, o que viabiliza a inteligibilidade do texto, admitiremos que Rosa, e seu leitor, compartilham os princípios que compõem a Gramática Universal. Em outras palavras, propomos que é nos “limites” dos princípios da Gramática Universal que Rosa pode criar seus experimentos linguísticos, lidando com elementos da fala, de línguas estrangeiras e de estágios anteriores do português.

A sintaxe de Rosa e a Gramática Universal

A título de corroboração e ilustração de nossa hipótese, discutiremos nesta seção três tipos de volteios cunhados pelo autor em *Grande sertão: veredas*. Esses exemplos são todos de fenômenos morfossintáticos. Procederemos da seguinte maneira: apresentamos o(s) trecho(s) do livro de Rosa que ilustra(m) cada tipo do fenômeno destacado e, em seguida, elaboramos um comentário sobre o fenômeno mostrando, em linhas gerais e isento de detalhes técnicos, como situá-lo em relação ao tratamento sintático gerativista.

A. Ordem de palavras SOV (Sujeito-Objeto-Verbo):

- (1) a. “Então, Diadorim o resto me descreveu” (1994, p. 29)
- b. “...de poder água beber” (1994, p. 26)

Nos exemplos acima, Rosa utiliza-se de alteração da ordem de palavras canônica, ou mais frequente, do português, que é a ordem Sujeito-Verbo-Objeto. Em lugar dessa ordem, ele produz Sujeito-Objeto-Verbo, que é natural em muitas línguas, como, por exemplo, nas asiáticas, como o coreano e o japonês, e nas orações subordinadas do alemão (o alemão, aliás, é uma das línguas que Rosa conhecia⁶). Para a teoria gerativa, realiza-se, universalmente, num nível sintático subjacente, a ordem SVO que, num segundo momento, pode ser derivada, por operações sintáticas que deslocam constituintes, resultando nas demais ordens de palavras, dentre elas, é claro, a ordem SOV utilizada na sintaxe de Rosa.

B. Dupla negação:

- (2) a. “Deus vem vindo: *ninguém não vê* (1994, p. 21, grifo nosso)
- b. “*Não* escondi nada *não* (1994, p. 96, grifo nosso)
- c. “Será gosto meu *não* (1994, p. 110, grifo nosso)

Para construir uma oração negativa, Rosa lança mão, com bastante frequência, da realização de dupla negação, precedendo o verbo, como em (2a), de uma partícula negativa precedendo o verbo e outra posposta a ele, como (2b), ou ainda da realização de uma única partícula negativa posposta em relação ao verbo flexionado como aparece em (2c). Esses fenômenos são bastante recorrentes em várias línguas. Ocorrências como (2a) já foram produtivas em estágios anteriores do português⁷ e sobreviveram também em alguns dos nossos dialetos; o fenômeno aparece também, como se sabe, no francês escrito, o que significa que, nessa língua, foi mais marcante na *fala* do que o é hoje em dia. Construções como (2b), ou seja, com dois itens negativos, são também produtivas em muitas línguas, como o italiano e o inglês, e a segunda ocorrência da partícula *não*, muito produtiva na *fala* do português do Brasil contemporâneo, é analisada como um dos fatores que favorecem a redução fonética e desaparecimento da partícula negativa pré-verbal, o que, em muitas línguas, pode resultar na presença de um único item negativo se alocando numa posição pós-verbal tal como acontece com o exemplo (2c). Esta última configuração é igualmente disponível em línguas escandinavas com o sueco e o islandês.

Como se vê, a análise da expressão da negação, numa perspectiva comparativa, é um dos fenômenos mais fascinantes para um sintaticista, devido,

⁶ cf. entrevista dada a Günther Lorenz (1994, p.46).

⁷ Observe-se, por exemplo, do século XVI, “Nenhum nom lhe soube dizer (cf. SAID ALI, 1966).

sobretudo, à regularidade de seu mecanismo e à sua natureza cíclica que afetam, universalmente, estágios contemporâneos e históricos das línguas naturais. A alternância da locação das partículas negativas é, portanto, um fenômeno previsível, através de princípios, e tem sido analisada com bastante propriedade pela teoria sintática atual. São enfim as possibilidades de alocação desse tipo de partículas previstas pela gramática universal que são realizadas na sintaxe rosiana das orações negativas.

C. Preposição como subordinante:

- (3) a. “... eu devia *de* perguntar (1994, p. 28, grifo nosso)
 b. “E que eu merecia *de* ir para cursar latim (1994, p. 15, grifo nosso)

Nos trechos acima, nosso escritor insere a preposição *de* numa posição entre os verbos *devia* e *merecia* e os verbos *perguntar* e *ir* que estão na forma do infinitivo. Em estágios anteriores do português, construções como essas eram bastante produtivas. No português arcaico, com o verbo *dever*, por exemplo, em, praticamente, 75% dos casos, a preposição se fazia presente; no português do Brasil contemporâneo, tem-se o inverso, isto é, em quase 74% das vezes, a preposição está ausente (cf. LEAL, 2005). Numa análise gerativista do fenômeno, Kayne (1981), que se ocupa do francês, do italiano e do inglês, sustenta que as preposições *de*, *di* e *for* dessas línguas desempenham a função de subordinante em relação ao complemento que está no infinitivo; orações como as seguintes ilustram o fenômeno: *Jean a décidé de partir*, *Gianni ha deciso di partire* e *John wants very much for Bill to win*. As generalizações obtidas são: (1) na posição de subordinante de um complemento que está no infinitivo, as línguas poderiam realizar uma preposição ou um morfema zero, como ocorre, por exemplo, em versões das oração (3) acima sem a ocorrência da preposição; (2) a preposição pode desempenhar a função de conjunção subordinativa no complemento de infinitivo que é equivalente à da conjunção *que*, presente quando o complemento oracional tem *tempo finito*.

Ainda que apressadas, essas observações deixam entender que o recurso da preposição numa posição antes de verbo no infinitivo, amplamente utilizado por Rosa, é fruto de um mecanismo gramatical, disponibilizado pela gramática internalizada, que pode ser descrito em termos de princípios e que se encontra implementado em várias línguas.

A análise exaustiva de *Grande sertão: veredas* pode aumentar, em muito, a exemplificação de fenômenos morfossintáticos com a interpretação e consequências teóricas que sugerimos,⁸ mas está, infelizmente, fora do nosso escopo realizá-la neste espaço.

Conclusão

Na verdade, uma das intenções deste artigo foi dar subsídios à ideia de que a chamada licença poética não pode significar uma ausência de regras ou uma “não-lógica”. É claro que, a partir do encorajamento à liberdade feito aos poetas por Aristóteles na *Poética* (1996), entende-se que a concretização artística não pode ser, e, de fato não é, limitada por cânones externos ao artista, mas este elabora sua própria lógica, que é tributária de seus vínculos enquanto ser que é social e temporal.

Propusemos uma versão dessa ideia analisando a “fonte” da gramática cunhada por Rosa em *Grande sertão: veredas*. Num nível mais superficial, trata-se do uso de recursos de línguas estrangeiras, de estágios pretéritos do português, da fala..., porém, na realidade, esses recursos são estímulos conscientes que incitam os universais formais da gramática internalizada na mente dos falantes.

No nosso modo de ver, esta conclusão engrandece ainda mais, se isso for plausível, a obra de Rosa, já que acrescenta uma dimensão a mais na vocação universalista do autor.

VITRAL, Lorenzo. The universality of *Grande sertão: veredas* and the notion of universal grammar. **Revista do Gel**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 231-240, 2009.

ABSTRACT: *This paper proposes a reflection about the syntax used by Guimarães Rosa in his chef-d'oeuvre Grande Sertão: veredas. Usually, one accepts that his language employs sentences and structures that originate from foreign languages, from some dialects of Brazilian*

⁸ Já nas páginas iniciais do livro são fartos os exemplos que ilustram fenômenos como: *duplo genitivo*: “e lá morava sua família dele legítima” (1994, p. 29) ou “deste nosso estado nosso” (1994, p. 12); *verbo causativo como auxiliar*: “ela estava chegando do arranchado de Medeiro Vaz, que por ele mandada buscar” (1994, p.27); *presença de pronome reflexivo com verbo intransitivo*: “ele mesmo logo se ria, fortemente.” (1994, p. 33); *processos de lexicalização envolvendo*, como exemplo a seguir, *adjetivo e advérbio*: “e com uma coragem terrivelmente” (1994, p.109). Todos esses fenômenos podem ser analisados na perspectiva que propomos.

Portuguese and from historical stages of Portuguese. We propose that these resources are only elements that incite mechanisms of the Universal Grammar, that is, a notion proposed by the theory of Generative Grammar.

KEYWORDS: *Portuguese syntax. Guimarães Rosa. Generative Grammar. Poetic License. Writing and Oral Language.*

Referências

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

CANDIDO, A. O Homem dos Avessos. In: GUIMARÃES ROSA, J. *Fortuna Crítica*, **Ficção Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 78-101, v. 1.

CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge: MIT Press, 1995.

COUTINHO, E. Prefácio. In: GUIMARÃES ROSA, J. **Ficção Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 11-24, v. 1.

GADAMER, H-G. **Hermenêutica em Retrospectiva: Heidegger**. Petrópolis: Vozes, 2007. v.2.

GUIMARÃES ROSA, J. *Grande sertão: veredas*. In: _____. **Ficção Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 2 v.

HEIDEGGER, M. **O caminho na linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2003.

KAYNE, R. On certain differences between French and English. **Linguistic Inquiry**, [S.l.], v. 12, p. 349-371, 1981.

LEAL, M. A. daF. **A variação do complemento [de +infinitivo]~[Ø + infinitivo] na história do português**. 2005. 316 f. Tese (Doutorado) FALE, UFMG, Belo Horizonte, 2005.

MENEZES, P. **Para ler a Fenomenologia do espírito**: roteiro. São Paulo: Loyola, 1992.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1966.